**Operarios! 1º de Maio é um dia de protesto contra os crimes da burguezia**

# O SYNDICALISTA

Anno II — Numero 14 | Orgam da Federação Operaria do Rio Grande do Sul | Porto Alegre, 1.º de Maio de 1920

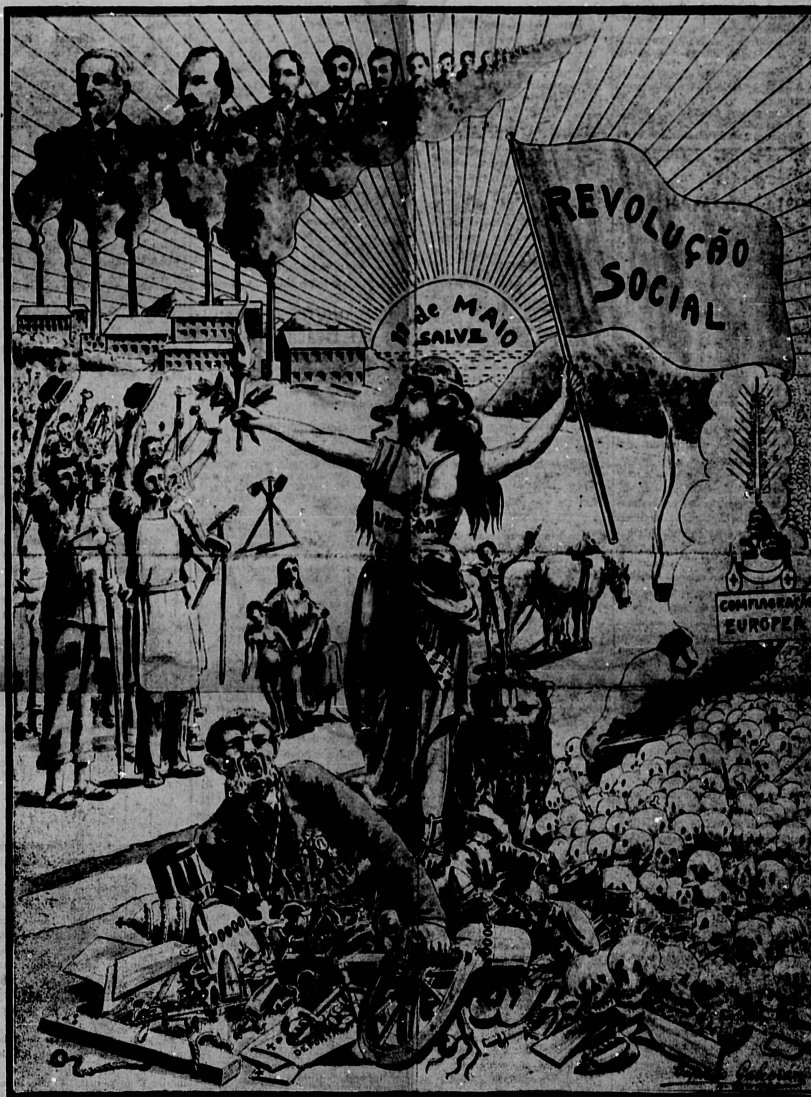
## O DIA 1º de Maio

Quando o Congresso Socialista Internacional de Paris resolveu, no anno 1889, elevar o dia 1.º de Maio á categoria de feriado mundial do proletariado de todas as nações, um estremeção e um dilatar de musculos perpassaram todos os que tomaram parte no movimento operario internacional, pois todos sentiam a profunda significação symbolica dessa manifestação. A burguezia franceza festejava justamente o centenario de sua grande revolução. Não faltou a costumada enscenação theatral nem tão pouco faltaram os discursos festivos pronunciados com a necessaria «verve» e nos quaes se celebraram devidamente as grandes conquistas sociaes e culturaes da revolução. A maior e talvez a unica conquista foi para esses senhores, naturalmente, a republica burgueza dos trucidadores de communistas e ladrões do Panamá, a qual não podia deixar de lhes parecer o melhor dos mundos.

Mas lá onde a communidade socialista internacional se reunira, era outra a disposição reinante. Sentia-se ahi ainda o ardor e a paixão intimos do velho espirito revolucionario, a cujo embate a bastilha ruiu por terra, o edificio da velha monarchia feudal se es-[illegible] hordas mercená-[illegible] dos soldados [illegible] para todos os lados. E ahi se sabia tambem que a obra da grande revolução ainda não estava completa, que o feudalismo industrial e a servidão capitalista teriam de desapparecer da Terra antes que a divisa promissora de 1789—1793, que constava das palavras «Liberdade, Igualdade e Fraternidade», pudesse entrar em execução.

Não foi nenhuma das conhecidas summidades socialistas quem propôz ao Congresso a commemoração do dia 1.º de Maio; foi um simples syndicalista americano quem apresentou a proposta e quem deu noticia a seus camaradas do grande movimento de greve geral do operariado americano, movimento esse que havia sido posto em scena no dia 1.º de Maio de 1886 para o fim de se alcançar o dia de oito horas de trabalho. E todos se lembraram das grandes lutas travadas naquelle anno, da conspiração vergonhosa da Federação Civil, dessa organisação de capitalistas criminosos, cujo nome alcançou tão triste celebridade — e tambem se lembraram todos daquelles cinco homens que, no dia 11 de Novembro de 1887, cairam victimas de um horrivel erro judiciario. As fôrcas de Chicago, como um marco mudo e tenebroso, saudaram os delegados, constituindo assim um novo Golgotha dos desherdados e dos que perderam seus direitos, erigido na *via dolorosa*, cheia de espinhos, que os deve conduzir para a luz. Os corações dos aggremiados como que foram tocados por um leve halito provindo das sepulturas dos cinco anarchistas assassinados nas verdes alamedas de Waldheim e em meio do qual como que se percebia um éco amortecido a repetir as palavras: «Virá um dia em que nosso silencio será mais poderoso do que as vozes que hoje estrangulaes».

Foi em meio dessa disposição que recebeu o baptismo o feriado mundial do proletariado e em todos os paizes se fizeram preparativos para celebrar o dia 1.º de Maio de 1890.

Foi então que se deu uma cousa incrivel, incrivel para os irmãos que estão além de nossas fronteiras, mas, infelizmente, por demais compreensivel para nós que soubemos melhor honrar o verdadeiro caracter do movimento socialista da Allemanha. A democracia social allemã havia conquistado, a 20 de Fevereiro de 1890, mais uma de suas grandes «victorias eleitoraes», nas quaes o socialismo foi, aos poucos, sendo entregue á morte. O primeiro acto da fracção do Reichstag, recem saida do fôrno, consistiu apenas em haverem seus membros se reunido na cidade de Halle em sessão especial, em que foi tomada a resolução de se prescindir de uma paralysação do trabalho no dia 1.º de Maio, devendo a solemnisação ser effectuada no primeiro domingo do mez de Maio.

Com isso se tirou, desde logo, ao dia seu caracter revolucionario e se o espoliou de sua influencia agitadora e propagandista. A resolução da democracia social allemã e dos syndicatos centraes, que com ella marcham de mãos dadas, não podia deixar, e não deixou, de produzir um effeito verdadeiramente esmagador sobre o operariado dos outros paizes. Uma vez que na Allemanha se atirou para o lado o dia 1.º de Maio, já não podia mais se cogitar de uma manifestação internacional generalizada do proletariado. Nos paizes onde o socialismo parlamentarista dominava no movimento do operariado, seguiu-se o exemplo da Allemanha e foi resolvido celebrar-se a festa no primeiro domingo do mez de Maio, sendo fim principal da reunião promover o dia legal de 8 horas e a legislação internacional para protecção do operariado. — De facto foi a Hespanha o unico paiz, por muitos annos, cujo operariado soube guardar o caracter revolucionario generalisado do movimento de 1.º de Maio. Nos outros paizes foi apenas o pequeno grupo dos inabalados que se conservou firme á idéa da consagração anteriormente resolvida. Sómente com o poderoso desenvolvimento do syndicalismo moderno na França e na Italia e com o apparecimento do primeiro movimento operario socialista na Russia foi que o dia 1.º de Maio readquiriu sua importancia original. Não foi para fazer demonstração em favor do dia legal de oito horas e de uma problematica lei de protecção ao operariado que se instituiu a solemnisação do dia 1.º de Maio, mas para fazer della um symbolo da confraternisação universal, da consciencia que o proletario tem de sua fôrça. Elle devia transmittir ás grandes massas de povo, que se veem obrigadas a levar sua vida sob o peso maldito da servidão á gleba, a consciencia de sua fôrça, mostrar-lhes que seu trabalho constitue a base interna da vida social e de toda a cultura. E ellas, essas massas, deveriam tambem reconhecer que em suas mãos fortes repousa o destino da sociedade e que sua ignorancia e seu offuscamento são as unicas barreiras que se levantam no caminho de sua liberdade. Ellas deviam compreender a injustiça millenaria que lhes tem sido feita e reclamar com vehemencia seu lugar na mesa da vida.

O dia 1.º de Maio deveria lhes fazer sentir que a força de seus músculos e de seus nervos é que é a alma que põe em movimento todos esses milhares de rodas, todos esses martelos que batem, todas essas machinas que arquejam; que todo esse immenso mechanismo de nossa existencia social não passa de lastro morto e inutil desde que lhe falte a fôrça vivificadora do trabalho humano. Elle, o dia 1.º de Maio, deveria lhes mostrar o caminho que os ha de levar da caverna de sua escravidão e de seu aviltamento ao reino de um grande futuro, um futuro que não irá collocar, por mais tempo, o lucro de uma pequena minoria no centro de gravidade do esforço e do labutar humano mas converterá as necessidades sociaes da generalidade em postulado de toda a actividade productiva. E porque não se convenceriam ellas de que se achavam condemnadas a uma existencia infructifera, sem felicidade e sem claridade do sol só porque são obrigadas a vender a um monopolista o trabalho de suas mãos e de seu espirito? A venda de sua força productiva é a eterna causa de sua servidão; o 1.º de Maio dever-lhes-ia trazer á memoria que, como consequencia natural, a negação dessa sua fôrça productiva teria de ser o meio de sua libertação.

Só por um dia que sua propria vontade tornára festivo, queriam ellas, as massas operarias, deixar o trabalho parar, mas esse dia devia ter para ellas maior significado do que a festa da resurreição para o christão. Elle deveria lhes annunciar que nenhum propheta e salvador as espera para conduzil-as, através do deserto desolador da miseria social, ao paiz banhado do sol da liberdade e do socialismo e que são ellas antes que têm em suas proprias mãos sua sorte, são ellas que têm de ser para si mesmo salvadoras e guias.

E o dia 1.º de Maio deveria ser para nós o symbolo da confraternização, que tinha de annunciar aos proletarios de todos os paizes a necessidade em que se acham de se collocar fóra de qualquer politica nacional, na qual sempre se corporificam os interesses das classes dominantes. O inimigo que se acha collocado no caminho da aspiração dos operarios, vive no proprio paiz. Aquelles, porém, que, além das fronteiras, se vêm obrigados a metter o cachaço dentro do mesmo jugo, que atravessam a vida sob o peso da mesma maldição, não são inimigos — são irmãos e companheiros de infortunio, carne de nossa carne e sangue de nosso sangue. Seus dedos chagados trazem os signaes das mesmas cadeias e em suas almas arde a mesma ancia por liberdade e pão, por felicidade e justiça. E como nós são elles os filhos da miseria livida e da afflicção roedora, debaixo de cujas mãos o mundo constantemente se renova e remoça, são elles os que amontoam thesouros para os favorecidos e que de cousa alguma podem dizer que esta lhes pertença.

De que lhes serve a nação, o dever patriotico e a patria, essa patria, que se pode comparar ao deus Saturno, que se alimentava com a [illegible] de seus [illegible]-lhos. Não é delles [illegible] patria, mas sim d'aquelles para quem elles têm de trabalhar e se esgotar durante toda a sua desolada vida; é ella que para elles só tem a distribuir migalhas de pão, que caem das mesas dos ricos e poderosos.

E elles se davam as mãos por sobre os limites artificiaes dos Estados, pois se sentiam todos unidos em sua esperança e em sua ancia e no grande objectivo de sua libertação social. Mas sobreveio o anno vermelho; o fado sangrento caiu sobre o mundo e elles, os unicos que podiam evitar a catastrophe, falharam na hora da maior necessidade. Disseram-lhes que elles eram os atacados, que tratava-se de defender a casa e o lar e que ninguem se poderia furtar á luta pelo torrão natal. Seus chefes lhes prégaram que a defesa do paiz era um dever socialista, que as palavras «Uni-vos, proletarios de todos os paizes!» não tinham, por emquanto, mais valor em vista das circumstascias modificadas. Em lugar dellas passou-se a dizer: «Proletarios de todos os paizes — matae-vos, arrebentae vossas cabeças!» E assim começou a grande mortandade, a época do horror vermelho e da morte de dentes arreganhados. Durante quatro annos o inferno se desencadeou sobre as campinas fructiferas da Europa. E por toda a parte, até onde a vista alcança—sangue e cadaveres e cadaveres e sangue. Aos milhões se agglomeravam seus corpos espatifados, mas sempre novas legiões eram açoutadas para dentro das fauces vorazes da guerra, que as engulia, como o Mar Vermelho enguliu os exercitos do Pharaó. E emquanto elles morriam nos campos de batalha a «morte pela patria», peregrinavam na patria a miseria livida e a fome cruenta pelas cidades e ceifavam a elles, as mulheres e os filhos.

Mas eis que de repente se fez ouvir um grito que sobrepujou o troar dos canhões e o pipocar das armas automaticas e das metralhadoras. Foi de Leste que veio a voz despertadora: «Acordae ó vós que estaes illudidos, que estaes feridos pela guerra!

**Do fundo de suas tumbas os martyres de Chicago, victimas da burguezia, reclamam vingança! Operarios conscientes: Vingae-os!**

Abandonae essa horrivel carnificina entre irmãos! Comprehendei que vosso inimigo se acha dentro de vossas proprias fileiras!»

E depois ouviram elles que o throno do ultimo tsar se desmantelára sob as marteladas férreas da revolução, que, na Russia sagrada, o povo havia quebrado suas cadeias e saudava com alegria estridente o dia da sua liberdade.

E então como que um clarão caiu sobre elles, um cochichar jubiloso percorreu as fileiras e as vozes dos canhões emmudeceram. Mas tambem já surgiram os padres de diversos matizes, os pretos, os vermelhos e os listados de preto, branco e encarnado e levantaram supplices, as mãos para o céu dizendo: «Ainda é cedo. Agora é preciso aguentar para garantir ao paiz uma paz de justiça.» Elles mais uma vez se deixaram illudir e, mordendo os proprios dentes, se activaram de novo no turbilhão sangrento da guerra e se esqueceram de que estavam praticando uma traição contra seus proprios irmãos, uma traição contra a revolução e contra a esperança dos povos. E assim foi até que tambem no Oeste o destino se realizou. Foi uma catastrophe horrorosa, uma derrocada gigantesca e como succedera na Russia ao throno ensanguentado dos Romanoff, assim tambem no coração da Europa, cairam despedaçados e cobertos pela maldição de seus povos os thronos dos Habsburgos e dos Hohenzollern.

Agora surge de novo o 1.º de Maio e desta vez elle se acha sob o signo flammejante da revolução. E outra vez perpassa o mundo proletario uma estremeção e um distender de musculos, pois, tanto no acampamento dos «vencedores», como no dos «vencidos», se sente que chegamos a um momento critico da historia e que se approxima a época da compensação. Uma ordem social, que se acha sob o peso da mais horrivel carnificina de que a Historia pode dar testemunho, incorreu na pena de perder o direito de vida. Esse pensamento é o que hoje surge por toda a parte de entre a torrente das massas e arranca ao systema em vigor todo o apoio moral.

E' apenas ainda a força militar brutal, que lhe serve de ultima escora. E esse phenomeno não se dá sómente nos paizes dos vencedores, tambem na Allemanha a reação faz os mais desesperados esforços para chamar de novo á vida o militarismo anthropóphago e dar-lhe outra vez forma e valor. A reorganização do exercito é a unica esperança da contra-revolução, o que justamente hoje em nossos dias cheios de successos imprevistos melhor se verifica.

E' por isso que a luta contra o militarismo deverá ser collocada no centro de nossa commemoração do dia 1.º de Maio. Não se trata hoje de um juramento platonico, mas de uma acção salvadora, de uma iniciativa directa dos povos, que deve salvar a humanidade dessa maldição. E é outra vez entre as mãos dos operarios que se encontra a solução. O militarismo só poderá existir emquanto os proletarios estiverem promptos a forjar as armas necessarias.

Tirae á força bruta, seus elementos de defesa e ella terá infallivelmente de succumbir por si mesma. E então não tereis mais necessidade de oppor «a força de baixo á que vem de cima».

Neste caso não se trata de uma mudança de forma, mas da existencia do militarismo. O systema «democratico» de milicias da democracia social, cultivado no terreno do serviço obrigatorio é sustentado pelo mesmo espirito de violencia e esconde em si os mesmos perigos de qualquer outra forma de regimen militar. Os romanos definiam a idéa da propriedade como sendo o direito de usar uma cousa e della abusar. Aquelles, porém, que sustentam em suas mãos a fôrça bruta, abusam sempre della.

Trata-se de derribar de seu throno o monopolio da fôrça, a organização da brutalidade e isso só se pode dar si individualmente negarmos ao Estado nossa pessôa e collectivamente deixarmos de lhes fabricar armas de guerra. A luta contra o militarismo é a primeira batalha pela realização do socialismo.

E nesse sentido queremos nos preparar para o grande feriado mundial do proletariado internacional, afim de que se dê, quanto antes, o advento da Era que nos hade libertar da servidão pessoal e do jugo do Estado.

Inda tendes em vossas mãos
O poder surdo e brutal,
Que escarnece envaidecido
Da palavra a mais leal!
A alma de uma tal palavra,
Que inda podeis prohibir,
Já adeja qual aguia livre
Por sobre o vosso mentir!

*Fr. Kniestedt.*

Os governantes fizeram aos operarios um bello presente grego: a lei de accidentes de trabalho. Uma fieira de artigos e paragraphos discriminando uma porção de obrigações aos patrões e de direitos aos operarios...

Resultado: nós, operarios, continuamos a não ter direito a cousa alguma...

A lei só é cumprida a risca quando é contra nós. Quando nos favorece, é letra morta.

E nem póde ser de outra maneira: elles fazem-n'a para elles.

A emancipação dos trabalhadores ha de ser obra dos proprios trabalhadores e não das leis feitas pelos burguezes!

## 1.º DE MAIO

A data que o proletariado commemora no dia 1.º de Maio não é a festa do Trabalho, como ainda erradamente muitos pensam.

O 1.º de maio é o dia em que os trabalhadores unem-se para lançar o seu protesto vehemente e energico, contra os crimes da burguezia sanguinaria; os trabalhadores de todo o mundo protestam levados ainda pelos echos das vozes estranguladas das victimas da tragedia de Chicago, immoladas para gaudio da infame burguezia americana.

O sol de 1.º de Maio de 1920 surge além no horizonte, illuminando com seus raios radiantes o caminho que os trabalhadores tem a seguir, para chegar ao termo de sua ardua jornada, que é a emancipação das massas proletarias para a implantação da liberdade, igualdade e fraternidade, da humanidade soffredora.

Que a recordação da tragedia de Chicago alente, encoraje os trabalhadores de Porto Alegre, para lutar sem desfallecimento para a conquista de liberdade e bem-estar; que os disponha a unirem-se como um só homem para secundar, para fortificar a obra gigantesca dos camaradas russos, que luctaram e lutam energicamente para assegurar a liberdade da Russia e ensinar ao opereriado universal o caminho a seguir, derrubando todos os governos tyrannicos, que procuram suffocar em sangue as vozes dos denodados pioneiros da liberdade, que sacrificam suas vidas em beneficio dos opprimidos.

Que o sangue das victimas tombadas na espinhosa estrada da emancipação proletaria sirva de estimulo aos trabalhadores de Porto Alegre, e do Brasil inteiro, para que estejam promptos ao soar a hora do ajuste de contas com os tyrannos.

Ao surgir o sol de maio que tem illuminado tanta crueldade, illumine tambem o cerebro dos trabalhadores e irradie em seus corações uma chamma de revolta, contra as infamias da tigrina burguezia.

O 1.º de Maio de 1920 traz aos trabalhadores alento para a derrocada dos despotas que, na sua queda fragorosa, levará comsigo todas as infamias e tyrannias, deixando a terra livre ao homem livre.

As classes trabalhadoras de Porto Alegre, que se acham adormecidas em profunda lethargia, que despertem para a luta de amanhã, para essa luta gloriosa, que é a luta pela emancipação dos opprimidos.

Vem o maio despertar os que dormem sobre as insignificantes victorias obtidas.

Vem o maio despertar áquelles que abandonaram o caminho da liberdade, para chafurdarem nos vicios desta putrida sociedade, que está prestes a succumbir asphixiada na sua propria podridão.

Vem o maio despertar os marcineiros, que hontem estavam unidos para o embate contra os exploradores e, hoje, dormem sem animo para emprehender uma luta energica e efficaz para assegurar os louros colhidos em jornadas passadas.

Vem o maio bemdicto incutir animo aos trabalhadores para a grande batalha a ferir-se em todos os recantos da Terra, para assegurar a felicidade aos innocentes que, hoje, choram por uma migalha de pão, e que tiritam de frio sem ter um trapo que os aqueça, sem um tecto que os defenda da inclemencia do tempo.

Trabalhadores! Luctae pela liberdade! Vingae os nossos irmãos victimas dos potentados!

Trabalhadores! E' chegado o momento da vingança: vingai-vos!

Salve o 1.º de Maio!

Porto Alegre, 28 de abril de 1920.

*Belzebut.*

## A Internacional

A pé! ó victimas da fome!
A pé! famelicos da terra!
A ignea Razão ruje e consome
a crôsta bruta que a soterra!
Cortae o mal bem pelo fundo!
A pé! a pé! não mais senhores!
Se nada somos em tal mundo,
sejamos tudo, ó productores!

Bem unidos, façamos,
nesta luta final,
duma Terra sem amos
a Internacional!

Messias, Deus, chefes supremos,
nada esperemos de nenhum!
Sejamos nós que conquistemos
a Terra mãe livre e commum!
Para não ter protestos vãos,
para sahir deste antro estreito,
façamos nós por nossas mãos,
tudo o que a nós nos diz respeito!

Bem unidos, etc.

Crime de rico, a lei o cobre,
o Estado esmaga o opprimido:
não ha direitos para o pobre
ao rico tudo é permittido.
A' oppressão não mais sujeitos!
Somos iguaes todos os seres:
não mais deveres sem direitos,
não mais direitos sem deveres!

Bem unidos, etc.

Abominaveis na grandeza,
os reis da mina e da fornalha
edificaram a riqueza
sobre o suor de quem trabalha.
Todo o producto de quem súa
a corja rica o recolheu;
querendo que ella o restitúa,
o povo só quer o que é seu.

Bem unidos, façamos,
nesta luta final,
duma Terra sem amos
a Internacional!

Fomos de fumo embriagados!
Paz entre nós, guerra aos senhores.
Façamos gréve de soldados:
somos irmãos, trabalhadores.
Se a raça vil, cheia de galas,
nos quer á força cannibaes,
logo verá que as nossas balas
são para os nossos generaes.

Bem unidos, etc.

Somos o povo dos activos,
trabalhador, forte e fecundo:
pertence a Terra aos productivos,
ó parasita, deixa o mundo!
O' parasita, que te nutres
do nosso sangue a gotejar,
se nos faltarem os abutres,
não deixa o sol de fulgurar.

Bem unidos, etc.

Um conselheiro, que em tempos deu maus conselhos ao operariado, quiz ultimamente ser jornalista. Creou um jornal. Este, porém, nasceu *enfraquecido* de tal maneira que foi preciso recorrer á *Vacca Leiteira*. Esta, porém, enfarou-se um dia e mandou ás favas o terneiro mamão. O pobre, enfraquecido com a falta da têta, morreu de fraqueza congenita e hereditaria. E não deixou saudades a ninguem... O conselheiro, porém, é que vae ser castigado pelo seu desazo: o *povo* não o elegerá mais á conselheirança e muito menos á deputança...

Só se fôr conselheiro da costa d'Africa...

Segundo um telegramma dos jornaes o governo brasileiro resolveu sustar os processos de *expulsão de anarchistas* (chapa estafada), esperando que com esse seu acto de *generosidade* aquelles *elementos perigosos* não perturbem a *ordem*. Accrescenta a nota governamental que se aquelles extrangeiros se envolverem em qualquer movimento serão expulsos.

E' o mais frisante attestado de imbecilidade de um governo pensar [illegible] com farromas e ameaças conseguir mudar o curso fatal da evolução e pedir que se manifestem effeitos de causas que permanecem intactas.

A exploração continúa perfeitamente legal, logo a reacção ha de se fazer sentir com ou sem extrangeiros, com ou sem anarchistas.

Só não perceberá isso algum invalido moral...

## A Solidariedade

A actual sociedade burguesa acha-se com seus alicerces carcomidos e oscila, proximo a esboroar-se, porque não tem por base a solidariedade. Nella o egoismo individual sobrepujou o da especie. Das suas relações foi banida a solidariedade. O patrão não pode ser solidario com o operario, o rico não pode ser solidario com o pobre, o explorador não pode ser solidario com o explorado. Cada individuo, pelas circumstancias economicas em que se encontra, é inimigo do seu visinho.

A Solidariedade não é, como querem fazer crer os politicos, uma abdicação de direitos; é antes uma ampliação delles. A solidariedade reciproca não é sinão o auxilio mutuo afim de garantir a todos e a cada um a mais completa liberdade de acção.

A Solidariedade é a força combativa e defensiva das especies. Quanto maior fôr o grão de solidariedade numa especie, tanto mais probabilidade terá ella de se conservar e progredir.

O burguezismo, si bem que apparentemente esteja unido para dar combate aos proletarios, soffre da falta de Solidariedade entre si, devido ás proprias condições anómalas da sua sociedade, que o obriga a uma dispersão de forças na concorrencia commercial e industrial.

Por outro lado, o povo productor, compreendendo que a sua fraqueza está na desunião, cada dia mais estreita os laços de Solidariedade, estendendo-os por sobre as fronteiras creadas pelo fetichismo patriotico e alimentadas pela insania militarista.

A Solidariedade é a arma portentosa que ha de ferir de morte uma sociedade que é o apanagio da hypocrisia e da miseria, da injustiça e do crime. E será ainda e sempre a Solidariedade a base segura em que assentarão os fundamentos da Sociedade Nova, cujo dealbar ridente o sol de maio enrubece nas bandas do Oriente!

Maio 1920 — *Mario d'Albor*

## 3.º Congresso Operario Brasileiro.

Installou-se no Rio o 3.º Congresso Operario, convocado pela Federação Operaria do Rio de Janeiro.

As sessões se estão realisando no salão da União dos Operarios de Tecidos.

Encontram-se ali delegados de quasi todos os Estados do Brasil, legitimos representantes do operariado brasileiro que em solemne reunião, assentarão as bases de uma solida organização capaz de encaminhar a nossa classe na senda das mais legitimas aspirações.

A Federação Operaria do Rio Grande do Sul, adherindo ao 3.º Congresso Operario, enviou a representa-la uma delegação composta dos camaradas Orlando Martins (graphico), Alberto Lauro (pintor) e José Arezes (canteiro).

Desses camaradas recebemos telegrammas de que ali se encontram tomando parte no congresso.

## Perseguição ao operariado

Obedecendo a senha dada pelo invalido do Cattete, de feroz perseguição ao operariado, o capitão do porto do Rio Grande, Azevedo Marques, julgou-se com poderes discricionarios para impedir de viajar daqui para o Rio aos operarios Alcibiades Romão Garrido e Agostinho de Assis, este delegado e aquelle presidente da «União dos Foguistas».

Aquelles operarios requereram uma ordem de «habeas-corpus», com o fim de poderem sair desta capital.

Até onde quererão ir os donos desta terra na perseguição ao operariado e no desrespeito aos mais comesinhos direitos do trabalhador?

## Um Congresso anti-militarista

A Associação Anti-militarista Internacional está convocando um congresso anti-militarista que se reunirá em Julho proximo em Haya, capital da Hollanda, para o que são convidadas todas as agrupações anti-militaristas da Europa.

As questões a tratar nesse congresso são de summa importancia para a paz do mundo. Um dos pontos principaes será a preparação da greve geral dos consriptos como base para impedir que a burguezia tente de novo atirar os povos á voragem da guerra.

O endereço para a correspondencia do congresso é: José Giesen, Utrecht, Otterstraat 27 bis, Hollanda.

## Os precursores de Spartacus

O «Vorwaerts» publicou, sobre a attribuição do nome de Spartacus ao famoso grupo revolucionario allemão, algumas notas interessantes.

Foi no anno de 1849 que o nome de Spartacus, chefe de escravos romanos revoltados se introduziu na vida politica: Gottfried Kinkel, muito conhecido então por suas ideias avançadas, escolheu-o como titulo de um jornal hebdomadario de questões sociaes, que tinha creado. Para justificar essa escolha, assegurou que ainda existiam escravos: os proletarios. Kinkel declarou considerar-se descendente directo de Spartacus. Mas no numero dos que trabalharam involuntariamente para sua popularidade encontra-se o historiador Johann Most, que em 1877, em suas conferencias sobre a historia romana, pronunciadas diante de um publico de operarios, combateu as ideias imperialistas de Mommsen e representou Spartacus como o só grande homem da historia romana.

## AOS GRAPHICOS

II

«Dai-me uma alavanca e um ponto de apoio, que eu moverei o globo».

ARCHIMEDES.

Necessitamos realizar uma obra, em torno da qual nos devemos arregimentar pois, sem o que, não teremos força sufficiente para manejar a alavanca indispensavel para esse mistér.

Escudados na necessidade inadiavel de realizar esta obra, encontraremos o ponto de apoio.

Cada um de nós, insulado, sente-se impotente para realizar a conquista que não póde, nem deve deixar de ser effectivada senão pelo esforço collectivo.

A «¡ união faz a força !» ; unamo-nos! braço e cérebro, a trabalharem em pról do nosso bem-estar.

Esqueçamo-nos, ao menos por um momento, das intrigas e questões pessoaes, entre nós; rivalidades e preconceitos, que são os nossos maiores inimigos.

¡Avante! ¡para a frente! lembremo-nos de que aos exercitos indecisos, os desastres são fataes; lembremo-nos tambem, de que — «lutar é viver».

Estivemos largo tempo submersos na mais lamentavel lethargia — Morpheu nos conservou atonitos; bem pesado e amargo foi seu jugo. Libertos deste pesadelo, devemos convir, que si esse trabalho é arduo seu fruto, porém, é doce.

—

Uma das maiores conquistas, e a que deve figurar em primeiro plano, é a fixação do salario minimo — que posto em pratica, exclue o trabalho por obra.

O salario minimo é o primeiro degrão escalado para alcançar o systema igualitario, que tem por lemma — «de cada um segundo suas forças e a cada um segundo suas necessidades» — o qual será a ultima etape á conseguir-se. E' a perfeição, visto que assenta sua base na igualdade economica.

Ora, o salario minimo, não nivelará os ordenados; seria phantasia, assim querer interpreta-lo, visto que os industriaes remuneram a cada um segundo sua competencia. Assim, o linheiro viria a alcançar, o salario minimo de 9$000 e o commercialista ou obrista, o de 12$000; o que não impediria, entretanto, que qualquer graphico dessas categorias, pudesse alcançar um salario ainda mais elevado — o que de nenhum modo prejudicaria os demais.

Demonstradas as vantagens que irão os graphicos gozar com a fixação do salario minimo, convem avisar... que isso não nos cahirá do céu; nem, tão pouco, por espontanea vontade dos patrões.

Então...

—

Volto a combater o trabalho por obra, por juiga-lo incompativel com o bem-estar que actualmente deveriam gozar os trabalhadores graphicos.

Quem trabalha por obra nunca tem certeza de que indo á officina ganhe o dia; é entretanto, obrigado a permanecer lá, durante todo o dia coçando... a cabeça e maldizendo a sorte... Se ha muito trabalho, ganha o dia; mas já se sabe — tem que engulir a «boia» sem a mastigar, a bem de ganhar neste dia, o que deixou de ganhar no anterior.

Eis ahi a incongruencia do trabalho por obra; temos necessidade apremiante de aboli-lo. Sem isso, outras melhorias serão ficticias e não sairemos de circulo vicioso em que té aqui hemos vivido.

—

Na Republica Oriental do Uruguay, 8 horas, é o maximo que se trabalha por dia. Foi uma conquista feita pelos trabalhadores daquella Republica, e que o governo se limitou a sancionar. «Chover no molhado...»

Regulamentou o trabalho, e até estabeleceu multas aos patrões e operarios que infringissem aquella lei.

Sem embargo, os graphicos não se detiveram ahi — e, desde muito que a «guarda avançada», conseguiu ir além da «lei», alcançando as 7 e, até, as 6 horas por dia.

Como prova do que affirmo ácerca dessas melhorias obtidas pelos graphicos do Uruguay, vão aqui consignados os salarios por elles conquistados:

Um linheiro ganha 22 reaes, que com o cambio a par, vem a ser 11$660; um commercialista, ganha $3.60, que são 18$000; um impressor de machina de cilindro, ganha $3.50, que são 17$500; um minervista (impressor de machina pequena) ganha $2.50 que são 12$500; um encadernador, $3.00, que são 15$000; um pautador, $3.50, que são 17$500; linotypistas e typographistas, ganham mais ou menos $5.00 pesos.

Devo frisar aqui, que estes, são os salarios minimos, de cada ramo graphico.

Em iguaes condições de trabalho, ás mulheres auferem salarios iguaes aos dos homens.

Esta breve exposição, mostra á classe graphica daqui, quanto necessitamos trabalhar em bem do nosso melhoramento economico.

O custo da vida, actualmente, exige do trabalhador acompanhar essa crescente subida de preços dos generos de primeira necessidade e colloca-o no dilema de progredir, para poder viver — avisando-o de que aquelle que se detiver succumbirá.

*LYSIS DE LYZ.*

## Gréve de tecelões no Rio Grande

### Appello aos trabalhadores!

Desde semanas se acham em greve no Rio Grande os operarios da Fabrica de Tecidos Italo-Brasileira que entre as reclamações feitas incluem um augmento de 50% nos salarios e a abolição de multas e regulamentos vexatorios.

Os directores daquella fabrica, encastellados nos seus previlegios burguezes, negam-se a attender as justas reclamações dos operarios e pretendem subjugal-os pela fome para o que acabam de fechar, por tempo indefinido, o estabelecimento.

Desta forma ficam sem recurso um grande numero de operarios e operarias, cuja actividade era ali exercida a troco de um minguado salario.

Attendendo a carencia de recursos dos operarios em greve, a F. O. do R. G. S. appella e espera que os syndicatos federados auxiliem economicamente os nossos camaradas em greve no Rio Grande, pois, a sua causa é justa e merece todo o apoio daquelles que, como nós, são victimas da exploração capitalistica.

Quaesquer recursos poderão ser enviados ao nosso thezoureiro, camarada Frederico Kniestedt, na séde da F. O. R. G. S., rua Commendador Azevedo n. 30.

## As exigencias de soldados

Em principios de abril, na cidade hollandeza de Utrecht, os soldados fizeram as seguintes exigencias com a ameaça de greve geral se não fossem attendidos: 1, melhoria de soldo; 2, reconhecimento do seu syndicato; 3, melhor alojamento e rancho; 4, reducção a 6 mezes o tempo de serviço; 5, abolição de castigos; 6, substituição da commissão fiscal por uma commissão do syndicato de soldados.

Como se vê os soldados europeus começam a pensar o que constitue um serio perigo para a burguezia!..

## Objectos não devolvidos

Por occasião do ultimo movimento grevista nesta capital, a policia, nas suas costumeiras violencias, assaltou e fechou as sédes dos Syndicato Força e Luz e da Federação Operaria.

Ao reabrir mos as nossas sédes verificamos o furto de varios objectos e papeis que lá se encontravam quando a policia alli penetrou. Bandeiras, ferramentas de operarios que ali se achavam depositados, livros, etc., foram carregados pelos mantenedores da ordem.

Fizemos um requerimento á Chefatura de Policia pedindo a restituição do que nos pertence e até agora nenhuma resposta obtivemos. Edificante!


## O Syndicalista

Orgão da «Federação» Operaria do Rio Grande do Sul

Redacção e expedição: Rua Commendador Azevedo, n. 30 Porto Alegre.


*O Syndicalista*, que está a cargo de uma commissão, lança o seu appello a todos os camaradas conscientes para que o ajudem na medida das suas forças, pois é sabido o quanto é necessario manter-se um jornal franca e desassombradamente defensor das classes trabalhadoras.

Quanto á redacção está encarregado o camarada Orlando Martins, a quem deve ser enviada toda collaboração, e da remessa está encarregado o camarada Luis Derivi.

Qualquer dinheiro (de assignatura, subscripções, etc. pró «Syndicalista») remette se á rua Comm. Azevedo, 30.

Todos os camaradas que quizerem pacotes devem dirigir-se ao camarada Luiz Derivi.

COMO SE MANTEM O NOSSO JORNAL

Noutro numero publicaremos o balancete do «Syndicalista» e que, por falta de espaço, não foi possivel fazê-lo neste.

**O dia 1º. de Maio deve apparecer rubro como o sangue derramado pelos Martyres de Chicago! Operarios, ás armas!**